

---

## **DISARTRIA: A LINGUAGEM EM FOCO<sup>99</sup>**

Daniela Pereira de Almeida<sup>100</sup>  
(UESB)

Tamiles Paiva Novais<sup>101</sup>  
(UESB)

Lucélia Teixeira Santos Santana<sup>102</sup>  
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio<sup>103</sup>  
(UESB)

### **RESUMO**

Neste trabalho, apontaremos algumas considerações sobre os estudos da disartria, uma patologia de linguagem, com a finalidade de avaliar, através do acompanhamento longitudinal, o funcionamento da linguagem de um sujeito disártrico, RA, que, após um traumatismo cranioencefálico, passou a apresentar a disartria como sequela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Neurolinguística; Disartria.

---

<sup>99</sup> Este trabalho está vinculado ao projeto “Estudo neurolinguístico sobre a linguagem de sujeitos após acidente vascular cerebral: uma possível articulação com a clínica de linguagem”, com financiamento do CNPq - processo 471384/2010-0.

<sup>100</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

<sup>101</sup> Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Discente do curso de Letras Vernáculas/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

<sup>102</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

<sup>103</sup> Coordenadora do projeto e orientadora. Professora doutora em Linguística, lotada no DELL/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

---

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é abordar os estudos de patologias de linguagem, com enfoque no funcionamento da linguagem oral. O subprojeto “Afasia, sujeito e funcionamento da linguagem” tem como finalidade, através do acompanhamento longitudinal, avaliar o funcionamento da linguagem de RA, um sujeito que apresenta a disartria como sequela de um Traumatismo Cranioencefálico, conciliando o arcabouço teórico metodológico estudado com situações reais de trabalho. Os estudos até então realizados tiveram por base a Neurolinguística Discursiva (doravante ND), que é utilizada na avaliação do funcionamento da linguagem de sujeitos com problemas de linguagem.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização deste trabalho, fizemos o levantamento bibliográfico relevante para o embasamento teórico, selecionando, assim, o arcabouço teórico que sustenta a pesquisa em desenvolvimento, relacionando teoria e dado através da análise do material coletado. Paralelamente, realizamos sessões de acompanhamento longitudinal com um sujeito, RA, de 28 anos, vítima de um traumatismo craniano decorrente de acidente automobilístico, em julho de 2011. RA permaneceu em coma por 27 dias, apresentando disartria como sequela. Para coleta de dados, foram selecionados diversos textos para leitura, dentre eles fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas e atividades de jogos. Foram realizadas, até o momento, 38 sessões, sendo que algumas dessas sessões foram transcritas e digitadas. As gravações foram realizadas no Laboratório de

---

Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Maria Irma Handler Coudry inicia, a partir de 1983, os estudos em Neurolinguística Discursiva (ND), estudos estes que começam a olhar para o sujeito patológico como um sujeito de linguagem. Uma das patologias de linguagem investigada pela ND é a disartria, uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e periférico, decorrente de distúrbio neuromuscular. Essa patologia pode causar modificações na respiração, na fonação, na ressonância e na articulação da fala. A disartria pode ser resultante de um traumatismo craniano (TC), quando há um “deslocamento” do cérebro, causando lesões motoras, em níveis cerebelares, corticais e subcorticais, ou de origem degenerativa. Outras consequências dessa patologia estão relacionadas à prosódia, em que o ritmo na produção da fala pode ser afetado. Rodrigues (1989) diz que “acelerar o ritmo da fala equivaleria a aumentar a rotação de um disco, o que diminuiria uniformemente todos os segmentos fonéticos produzidos.” (RODRIGUES, 1989, p. 26). A produção da fala é composta por gestos articulatórios acionados pelo sistema neuromotor, controlada pelas atividades cognitivas do falante. Rodrigues (1989) denomina de gesto articulatório “a toda movimentação de órgãos fono-articulatório (OFA) cujo objetivo seja produzir um som modulado com ou sem significado linguístico.” (RODRIGUES, 1989, p. 15). Segundo Felizatte (1998), na disartria os órgãos fono-articulatórios são afetados, comprometendo os padrões de movimento, precisão, coordenação, velocidade afetando, conseqüentemente, a produção da fala. A aquisição dos dados que fundamentam a teoria da Neurolinguística Discursiva ocorrem através

de práticas discursivas, isto é, de diferentes situações discursivas que se constituem através da enunciação. Seguem os dados:

Quadro: Tradições juninas
<p>Sessão do dia 26-06-12.</p> <p>Contexto: RA, Idp e Inf conversam sobre as curiosidades das festas juninas. RA faz a leitura de uma curiosidade sobre a origem da tradição de acender fogueiras no São João. A leitura diz respeito a uma das explicações, que é a de que Isabel, que estava grávida, acenderia uma fogueira em um monte para avisar a Maria, sua prima, o nascimento de São João Batista.</p>
<p>RA começa a leitura:</p> <p>RA: Tradição, outra tradição (RA não pronuncia o artigo)</p> <p>RA: Outra.</p> <p>Idp: A outra tradição...</p> <p>RA: A outra / tradição / tem origem / em uma / lenda / da / religião/ católica.</p> <p>RA: (Repete a frase algumas vezes)</p> <p>(Recorte)</p> <p>RA: Isabel / estava / grávida / de São João Batista / e combinou com Maria / Maria / sua prima / (repete a frase) que ao ocorrer o parto (repete a palavra parto com Idp, pois não estava pronunciando o r) acenderia uma fogueira (uma fogueira é pronunciado bem baixo, o que dificultou a sua compreensão) / sobre um monte / para comunicar / a boa nova / (e - não é pronunciado) receber / (a ajuda da amiga no - não é pronunciado) pós-parto.</p>

---

RA leu o trecho acima de forma lentificada, com um número excessivo de pausas (indicadas pela barra /), semelhante à sua fala espontânea, com prejuízo da compreensão em algumas palavras. Ocorre também em sua leitura uma economia linguística, quando suprime alguns segmentos dentro das palavras, e até mesmo palavras pequenas como artigos e conjunções. Um outro aspecto a ser observado diz respeito à hipernasalidade presente na fala de RA, o que é conhecido popularmente como fala fanhosa

## **CONCLUSÕES**

Com o recorte dos dados, observamos que, no início do acompanhamento, RA apresentava uma pronúncia semelhante ao sotaque de um estrangeiro. Acreditamos que (i) após os encontros que envolviam temas relevantes para RA, (ii) com as intervenções realizadas pelos pesquisadores como, por exemplo, chamar a atenção e despertar a consciência do que acarreta a ausência de um seguimento na palavra para o interlocutor que escutava a sua fala; e (iii) a apresentação da fala do pesquisador como um modelo de possível marcação de pausa há uma melhora no quadro.

---

## REFERÊNCIAS

COUDRY, M.I.H. & POSSENTI, S. (1983). **Avaliar discursos patológicos**. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 5, 99-109. Campinas, IEL/UNICAMP.

FELIZATTI, Patricia. **Aspectos fonético-fonológicos da disartria pós-traumática: um estudo de caso**. (Dissertação de Mestrado) – Campinas, SP: [s. n], 1998.

ILIOVITZ, Erica Reviglio. **Pausa e domínios prosódicos na disartria**. (Tese de Doutorado) - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

RODRIGUES, Norberto. **Neurolinguística dos distúrbios da fala**. São Paulo: Cortez: EDUC, 1989.

VIEIRA, Jussara Melo. Para **um estudo da estruturação rítmica na fala disártrica**. (Tese de Doutorado) - Campinas, SP: [s.n.], 2007.